



ELOS DA MASCULINIDADE: A LIGAÇÃO ENTRE VIOLÊNCIA SEXUAL E PRODUÇÃO DE HOMENS

Autor: Glauber Lucas Ceara Silva

Universidade Federal Fluminense

RESUMO: Considerando o debate sobre a violência de gênero no atual cenário brasileiro, que apresenta a cada ano dados surpreendentes no que tange às mulheres - como principais alvos das refrações desse fenômeno- o trabalho realiza alguns apontamentos sobre o “outro lado da moeda” nos casos da violência perpetrada ao gênero feminino. A pesquisa realizada - durante o período de estágio obrigatório em Serviço Social- no ano de 2014 para obtenção do título de bacharel em graduação de Serviço Social, tem como pano de fundo os relatos de homens apenados por crimes de estupro contra desconhecidas. O trabalho, que prezou por uma abordagem qualitativa se fundamentou em dois caminhos metodológicos a fim de compreender com maior acuidade o fenômeno: análise documental dos apenados, e, participação de atendimentos aos apenados junto ao profissional de Serviço Social da secretaria de administração penitenciária do Rio de Janeiro. Com a anuência de dois apenados, realizou-se anotações sobre suas trajetórias de vida, e a partir disso, pode-se sintetizar as seguintes considerações: a necessidade de abordagens mais críticas sobre a violência sexual, considerando também o agente da ação, retirando-o de uma visão “patologizante” –abordagem que tende a desconsiderar o estupro também como ação construída socialmente - ou seja, se apresentando como fruto aperfeiçoado de uma sociedade patri-viriarcal.

Palavras-chave: Violência, Gênero, Patriarcado, Masculinidades.

INTRODUÇÃO

Considerando o debate sobre a violência de gênero no atual cenário brasileiro, que apresenta a cada ano dados surpreendentes no que tange às mulheres - como principais alvos das refrações desse fenômeno- o trabalho realiza alguns apontamentos sobre o “outro lado da moeda” nos casos da violência perpetrada ao gênero feminino. A pesquisa realizada - durante o período de estágio obrigatório em Serviço Social- no ano de 2014 para obtenção do título de bacharel em graduação de Serviço Social, tem como pano de fundo os relatos de homens apenados por crimes de estupro contra desconhecidas. O trabalho, que prezou

por uma abordagem qualitativa se fundamentou em dois caminhos metodológicos a fim de compreender com maior acuidade o fenômeno: análise documental dos apenados, e, participação de atendimentos aos apenados junto ao profissional de Serviço Social da secretaria de administração penitenciária do Rio de Janeiro. Com a anuência de dois apenados, realizou-se anotações sobre suas trajetórias de vida, e a partir disso, pode-se sintetizar as seguintes considerações: a necessidade de abordagens mais críticas sobre a violência sexual, considerando também o agente da ação, retirando-o de uma visão “patologizante” – abordagem que tende a desconsiderar o estupro também como ação construída



socialmente - ou seja, se apresentando como fruto aperfeiçoado de uma sociedade patriarcal.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O estupro revela ainda uma continuidade da dominação masculina, e as notificações desse crime, que a cada ano apresenta dados alarmantes – sem saber se são novos casos, ou números que agora aparecem devido à resistência maior da sociedade e aos serviços de apoio à mulher – mostram que uma ação nas estruturas das relações sociais entre os gêneros devem ser repensadas; ações essas que também levem em consideração não só o “empoderamento feminino”, mas a reflexibilidade masculina em relação a sua condição de fazer-se homem. WELZER-LANG (2001) vai nos trazer a memória o fato de que a masculinidade, em sua construção social, e que se dá por um acesso a uma diversidade de modos de violências. E esses acessos se dão de formas diferenciadas com o passar da história, seja individual, coletiva, histórica e conjuntural; por isso é desejo aqui, mostrar, também, que o movimento do patriarcado não é tão “uniforme e retilíneo” como aparenta ser, muito pelo contrário, sofre rupturas e continuidades.

Com FOUCAULT (1999, p117-132.), em *Vigiar e Punir*, podemos ver que a modernidade vai nos modelando o corpo; aos poucos aparecendo e ganhando notoriedade, sendo inscrito em práticas e disciplinado para respeitar a diversos dispositivos. Com isso a norma quanto a sexualidade surgem de forma sistemática e programada. Fazer-se homem se inscreve agora em um *habitus* (BOURDIEU, 2014, p.20-24) de valoração e mais do que isso, em desejo de submeter uma determinada categoria para firmar a sua identidade.

A ideologia patriarcal – em sua continuidade - distribui símbolos e regula espaços. Não só reprime, mas também cria. As constantes que se mantêm se asseveram e mostram que os crimes sexuais nada mais são do que reflexos de uma sociedade que promove exaustivamente o “comércio” dos corpos femininos e a primazia dos homens.

Não se deve atentar somente para a família, como modulo único e causal da reprodução da dominação masculina, “pois o patriarcado não abrange apenas a família, mas atravessa a sociedade como um todo” (SAFFIOTTI, 2004, p.47), cabe também analisar as outras esferas de sociabilidade que permitem que na família se reproduzam os arquétipos da dominação e extrapolar as análises naturalistas que incidem sobre pensamentos que a dominação se impera sob



a égide dos hormônios, semelhantemente ao reino selvagem.

2. RESULTADOS ALCANÇADOS

Foi realizado um pedido de autorização para ingressar na unidade e analisar os prontuários. Como estagiário de Serviço Social, pude participar dos atendimentos sociais juntamente com a Assistente Social da unidade, onde pude coletar os dados das entrevistas.

A pesquisa se pautou no levantamento de dados para a escolha daqueles que seriam entrevistados, buscando homens, que entre os anos 2.000 e 2.013 tivessem realizado algum crime de estupro contra desconhecidas. Dos 280 prontuários(em média), apenas 4 se encaixavam no perfil, e desses quatro, um havia sido acusado por ter estuprado um homem.

O busca pelos dados se deu nos seguintes eixos, através de análises documentais e anotações de diário de campo :**1 . Origem, família e infância; 2 . Sua trajetória de vida;3 . Sobre o crime; 4 . Sociedade, mudanças e permanências; .5 . Projeções, liberdade e sonhos.**

Foi percebido que diante da esfera Estatal, não existe nenhuma atuação junto e essa categoria de homens. Mostrando as esferas sexuadas das instâncias

governamentais, ou seja, os crimes não são encarados, também, como produtos de uma sociedade machista e sexuada. Antes, se baseia no padrão biologizante que tende a mistificar certas práticas ocultando-lhes sua face estruturante.

Com as entrevistas realizadas, pode-se ver que, o estupro na verdade foi uma das violências que os homens apenas por crimes de estupro realizaram. Todo o seu processo de sociabilidade, desde a gestão de seus corpos e gestão de outros corpos, desde a infância até a vida adulta, e os espaços que eles ocupavam, lhe moldaram subjetivamente para concluir que o corpo feminino é passível de acessibilidade desautorizada.

O fato de não se falar sobre esse tipo de crime e lhe conferir status de patológico e esconder-lhe através de longas penas, revela modelos de gestão que camuflam a inserção explícita do patriarcado.

CONCLUSÕES

Cabem alguns apontamentos: 1) Analisar o estupro como uma construção social das relações de poder de gênero; 2) retirar o caráter patológico hegemônico do senso-comum da questão; 3) Levantar estudos para ver as expressões dessa nova modalidade de masculinidade que vem aparecendo, pois, ser estuprador, é de alguma maneira, se impor



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

como homem. É necessário falar sobre a questão. O Estado não fala, gerencia. Em verdade, nos espaços onde os papéis de gênero deveriam ser problematizados, o patriarcado brada “ aqui eu não morro! Eu revivo!”.

PRINCIPAIS

BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Rio de janeiro: Best-Bolso,2014.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir. Petrópolis, Vozes, 1999: 20ªed.

SAFFIOTI, Heleieth, I.B. Gênero, patriarcado, violência. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. Rev. Estud. Fem. Vol.9,no.2:Florianópolis, 2001.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES



www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br